

ZIRALDO ALVES PINTO \*

**L**i outro dia num anúncio de revista que "o melhor que você pode fazer pelo seu filho é prepará-lo para o futuro". Ora, as pessoas já se acostumaram com as mentiras travestidas de verdades estabelecidas e nunca estão disponíveis para discordar. Depois de viver o suficiente para conhecer de perto causas e efeitos, posso afirmar que o melhor que você pode fazer pelo seu filho é prepará-lo para o *presente*. Criança tem que ser feliz enquanto é criança. Não estou falando de seguros de vida, de heranças e contas no banco. É natural que pensemos e conceituemos apenas coisas que podemos tocar, contar ou guardar, mas a preocupação excessivamente pragmática com o futuro só serve para angustiar a criança.

O lar, ainda que ali seja o lugar melhor do mundo, é uma fonte de angústias. Certamente, cometi muitos erros na criação e na educação de meus filhos (só vou ser perfeito como avô, todos os avós são perfeitos) e não passa exatamente por aqui o centro destas reflexões. Quero falar de felicidade infantil mas sediada em outro núcleo de ansiedade: a escola.

Neste momento, a Educação se transforma na preocupação central do governo, é o que dizem. Não tenho visto, contudo, qualquer preocupação prioritária que não seja regida pelas verdades estabelecidas. Não encontrei ainda, por parte dos grupos decisórios, alguém que esteja crucialmente envolvido com a própria razão de ser de toda a educação básica: a criança.

Diz-se que o homem é a medida de todas as coisas, menos para os economistas. Brincadeira à parte, acredito que a criança é a medida de todas as questões educacionais. Não se trata de perguntar a ela o que ela quer, pois quem sabe o que a criança quer e necessita somos nós, os adultos. Afinal, já fomos crianças, somos consultores testados, temos a experiência exigida para o cargo. A não ser que tenhamos esquecido a criança que fomos.

Todos os projetos que estão aí falam muito em futuro, em antenas parabólicas e estações retransmissoras — que preços, que concessões! —, em interação eletrônica, em telas e vídeos, em Educação à distância — que Educação? — e em outras modernidades. Não consegui ouvir nada sobre os conteúdos da relação professora-criança, escola-criança, governo-criança. Estas são preocupações que, pelo que tenho observado, não chegaram ao coração do governo. Quero dizer: não comoveram o seu coração.

estabelecida, mais freqüente e preocupante que tenho ouvido é a que afirma que "o grande problema do ensino brasileiro é a repetência". A repetência é problema apenas porque a questão é mal entendida.

Para entendê-la, primeiro, vamos ter que deixar de centrar nossas preocupações na busca da eficiência como forma de felicidade. Ora, deixemos o problema do suicídio infantil para ser resolvido pela eficiente sociedade japonesa. Vamos procurar criar, pelo ensino correto, uma nação de homens eficientes porque felizes.

A escola ideal tem que acompanhar cada aluno, um por um, convencida de que cada ser humano tem um *tempo* próprio para o entendimento das coisas. Por que os anos de ensino primário têm que ser os mesmos para todas as crianças? O espaço de quatro anos foi convencionalizado como o tempo adequado para se sair do primário e se entrar no chamado segundo período, mas não é o tempo de todas as crianças.

Vamos imaginar, por hipótese — e aqui já me aproximo do centro da questão —, que estes quatro anos de escolaridade sejam divididos em oito graus semestrais de aproveitamento. Logo se verá que muitas crianças completarão de maneira plena os oito graus em quatro anos de escolaridade e outras poderão completá-los em tempo diverso. Não haverá repetência!!!

Ou, pelo menos, nos livraremos de seus traumas.

A professora acompanhará — por fichas individuais ou pelo computador!!! — cada criança, cada aluno, com testes de avaliação periódicos e um trabalho permanente de observação individual. E é ela que decidirá, a partir daí, quem poderá ou não *passar* de grau.

De ano, todos passarão!!!

O melhor que o governo pode fazer neste emaranhado das reformas é gastar a maior parte do imenso dinheiro reservado para o projeto em pagar bem, muito bem aos professores, atualizar sempre seus conhecimentos, reciclá-los com muitos cursos anualmente — para que três meses de férias? — e estar certo de que não existe Educação sem contato físico. Não existe Educação à distância (fracassou na vasta Austrália, como se sabe) e ela só será eficiente se, ao lado da tela receptora, estiver um professor ou um monitor, feliz e motivado, competente e bem preparado para colocar a *hóstia* sobre a língua do *cristão*.

Não é preciso ficarmos perdidos no redemoinho das idéias a favor de uma Educação melhor no ensino básico. O professor é que é o olho deste furacão.